

# A MORTE NA PERSPECTIVA BIOLÓGICA E ESPIRITUAL NA RELAÇÃO DE UM FENÔMENO NATURAL CELULAR

Death from a biological and spiritual perspective  
in the relationship of a natural cellular phenomenon

*Marco Aurélio Martins Rodrigues<sup>(\*)</sup>*

## **Resumo**

A morte biológica é um processo que se relaciona com uma série de ações biológicas celulares sinalizadoras. Na busca de compreensão da alma é possível sugerirmos proposições que possam interagir e integrar os corpos físico e espiritual. Perante proteínas celulares responsáveis pela proteção celular e eliminação de componentes tóxicos, buscamos objetivar uma associação entre as perspectivas filosóficas, inclusive na religião para o processo de morte. A morte deve ser compreendida como condição natural para os seres vivos, e que desencadeia a esperança na própria vida. Na morte programada e prevista pelas células biológicas, seja por motivo de saúde ou até mesmo a finalização de um tempo de vida, as etiquetas químicas da morte entram em ação. Morte e vida estão em íntima relação biológica e espiritual. É nesse sentido que a morte também é um fator de manutenção das tradições e preocupações humanas para uma evolução biológica e divina.

**Palavras-chave:** A Morte Biológica. E Espiritual. Fenômeno Natural Celular.

## **Abstract**

Biological death is a process that is related to a series of signaling cellular biological actions. In the search for understanding the soul, it is possible to suggest propositions that can interact and integrate the physical and spiritual bodies. Faced with cellular proteins responsible for cellular protection and elimination of toxic components, we seek to aim at an association between philosophical perspectives, including religion for the process of death. Death must be understood as a natural condition for living beings, which triggers hope in life itself. In programmed and predicted death by biological cells, whether for health reasons or even the end of a lifetime, the chemical labels of death come into play. Death and life are in an intimate biological and spiritual relationship. It is in this sense that death is also a factor in maintaining human traditions and concerns for a biological and divine evolution.

**Keywords:** Biological Death. And Spiritual. Signaling Cellular biological Actions.

## 1 INTRODUÇÃO

A questão da morte suscita grandes polêmicas entre os diversos pensadores. E perante a vida o entendimento se amplia por meio da consciência de uma busca do que estamos fazendo aqui, neste Planeta Terra, nesta vida. Analisando algumas concepções

---

<sup>(\*)</sup> Doutor em Biologia Celular e Tecidual. Histologia e embriologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestrando em Filosofia pela Universidade federal de Uberlândia. E-mail: [rodmarcom@gmail.com](mailto:rodmarcom@gmail.com)

sobre o tema da morte, chegamos num ponto intrigante da criação Divina, onde morrer para muitos pode significar não o fim, mas um recomeço de uma nova vida. Nesse contexto, é preciso ter em mente que muitos filósofos analisam a morte como uma condição inerente ao ser humano, numa busca constante da compreensão de novas verdades biológicas e espirituais. Ainda podemos dizer que o ser humano é aquele que, criado por Deus, busca por meio da filosofia o entendimento do seu papel em relação à humanidade, que pela aceitação da morte como condição e realidade biológica, buscamos atingir uma melhor compreensão da vida.

Na introdução do “Evangelho Segundo o Espiritismo”, Kardec (1994, p. 25-27) resalta um resumo de pontos da doutrina de Sócrates e Platão: I – o homem é uma alma encarnada; existia antes da sua encarnação, e ela existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; II – a alma se extravia e se perturba quando se serve do corpo; III – enquanto no corpo, a alma se encontra mergulhada na corrupção, sem possuir a verdade; IV – a alma impura se entorpece e é arrebatada para o mundo visível pelo horror do que é invisível e imaterial; V – depois da morte, o gênio (*daimon*, demônio) que nos fora designado durante nossa vida, nos conduz ao Hades, para o julgamento; VI – a preocupação constante do filósofo (Sócrates e Platão) é de tomar o maior cuidado com a alma; para viver sabiamente com vistas à eternidade; o Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa; VII – se a alma é imaterial, depois desta vida ela deve seguir para um mundo igualmente invisível e imaterial, e o corpo decomposto volta à matéria.

Platão (1972, p. 72, 65 a-b; b-c e d) na obra Fédon relata o diálogo com Símias a respeito da morte como libertação do pensamento. Sócrates pergunta a Símias se quando se trata de adquirir de verdade a sabedoria, se o corpo é ou não um entrave. E questiona quando que a alma atinge a verdade, tendo em vista que quando ela deseja “investigar com a ajuda do corpo”, o corpo a engana radicalmente. Sobre o destino das almas, tratando com Símias e Cebes:

– Segundo me parece, pode-se também supor o contrário: que esteja poluída, e não purificada, a alma que se separa do corpo; do corpo, cuja existência ela compartilhava; do corpo, que ela cuidava e amava, e que a trazia tão bem enfeitada por seus desejos e prazeres, que ela só considerava real o que é corpóreo, o que se pode tocar, ver, beber, comer e o que serve para o amor; ao passo que se habituou a odiar, a encarar com receio e a evitar tudo quanto aos nossos olhos é tenebroso e invisível, inteligível, pelo contrário, pela filosofia e só por ela apreendida! Se tal é o seu estado, crês que essa alma possa, ao destacar-se do corpo, existir em si mesma, por si mesma e sem mistura? – É totalmente impossível. PLATÃO (1972, p. 92 – 81b)

Também que a alma apreende, em parte, a realidade de um ser pelo ato de raciocinar; quando a mesma anseia pelo real, a alma de um filósofo que atinge ao mais alto ponto, “desdenha o corpo e dele foge”, enquanto procura isolar-se em si mesma. Símias, concorda com as questões ditas por Sócrates.

Na filosofia de Platão (427-327 a. C.) o corpo e as sensações explicam ‘como’ são as coisas. A alma e a inteligência explicam ‘o que’ são as coisas. É por isso que a alma é esse trânsito entre os dois mundos, inteligível e sensível, ainda que suas características sejam dadas pelo mundo inteligível. Assim, a alma tem de se assemelhar àquilo que ela busca ou aspira: as ideias. Encarnada em um corpo, a morte refere-se somente a essa parte material, divisível, múltipla, instável. A alma como unidade não se dissolve, mas busca, segundo os mitos escatológicos que Platão narra, o aperfeiçoamento a partir de uma série de ciclos reencarnatórios. Essa alma guarda na memória suas experiências, e ao contemplar o inteligível faz sua escolha da vida que quer viver. Ela busca o conhecimento como tentativa de purificação da alma, por meio da inteligência, e como sujeito do conhecimento põe-se em movimento para realizar uma trajetória, apesar do corpo ser um obstáculo e a faz esquecer o que contemplou no mundo inteligível.

No aspecto corpo-alma e espiritualidade, Nunes Sobrinho (2007, p. 119), trata sobre o argumento da afinidade, logo após o argumento da reminiscência, no “Fédon”. Cada argumentação que se refere à “imortalidade da alma” leva a outros problemas não resolvidos ou não tratados. Muitos argumentos são insuficientes por restrições dos interlocutores de Sócrates, que dirigem as discussões para uma argumentação mais complexa e mais rigorosa. Nesse sentido, Sócrates avança na argumentação a partir das conclusões de argumentos anteriores, que passam a ser adotados para um novo argumento: 1 – “Se as almas existem antes do nascimento na forma humana...” (conclusão da reminiscência); 2 – “Se as almas provêm dos mortos ao nascerem juntamente com o corpo...”; 3 – Então, as almas existem após a morte.” A questão importante nesse momento é argumentar sobre a continuidade da vida.

O objetivo principal desse trabalho é associar relações biológicas celulares possíveis, na perspectiva filosófica entre vida e morte, inclusive por meio de ideias e reflexões na dimensão da filosofia da religião. O tema apoptose demonstra que o organismo vivo desencadeia seus processos de morte ao longo do tempo biológico e espiritual. Isto requer análises de relações biológicas e espirituais com os processos de encarnação e reencarnação pelo entendimento da filosofia espírita.

## 2 SOBRE MORTE E REENCARNAÇÃO

Ao longo da história do ser humano, a compreensão da morte revela as várias dimensões culturais. Por meio da religião temos um sistema de classificação de mundo, que relaciona o que já existe antes do indivíduo nascer e tudo o que a coletividade deseja que permaneça após a morte. São posições sociais, sonhos de grandeza, desejo de imortalidade, respeito ao corpo, ou seja, as mais variadas condições do ser humano em sociedade, que cultua a morte pela necessidade da memória. Manter uma memória é também uma condição de manutenção do contexto social. Assim, somos seres que, apesar da realidade biológica nos direcionar para a morte, como um fim último necessário, o ser humano quer a vida, quer estar além das suas limitações, quer a imortalidade. No contexto geral e sociocultural, Zilles (2012, p.6) entende a religião como um conjunto do sistema de crenças em Deus, que pressupõe códigos e gestos práticos, e também celebrações ritualistas. As religiões acreditam estar com a verdade perante questões fundamentais do ser humano, apoiadas na fé e na crença. Diferente da religião, a filosofia pretende fundamentar sua ‘verdade’ pelas demonstrações racionais, e não a verdade da fé. Quanto à ciência, ela se caracteriza por um saber metodológico e rigoroso, sistematicamente organizado e objetivo. Ainda, no discurso religioso ocorrem conceitos antagônicos à filosofia, como por exemplo, revelação e redenção. Ou seja, a filosofia da religião não se confunde com a teologia, tendo em vista que esta tematiza a relação ‘Homem-Deus’ pela revelação, a partir de Deus. Como a religião é anterior à filosofia, a reflexão filosófica buscará refletir sobre sua maneira de ser e sobre sua essência.

Schopenhauer (2001, p. 23) relata que Sócrates definiu a morte como “preparação para a morte”, um gênio inspirador, ou a musa da filosofia. Sem a morte seria muito difícil filosofar. Comparado a um animal, este vive sem ter conhecimento da morte, e por isso o indivíduo do gênero animal usufrui de toda a “imutabilidade da espécie”, tendo em vista que só tem consciência de si como infinito. Para os seres humanos surgiu com a razão, por uma conexão necessária, a certeza terrível da morte. E como compensação, a reflexão, que nasce da ideia da morte, também nos leva às concepções metafísicas consoladoras, “das quais a necessidade e possibilidade são igualmente

desconhecidas do animal”. É em torno desse fim que se dirigem todos os sistemas religiosos e filosóficos, como um antídoto que a razão, pelas suas reflexões, fornece contra a certeza da morte. De fato, o temor da morte é independente de todo conhecimento, porque o animal a possui, ainda que não conheça a morte: “Tudo o que nasce já o traz consigo”. Esse temor da morte *a priori* é justamente os reversos da vontade da vida, fundo comum de nosso ser. No animal, junto com o cuidado inato com a conservação está também o medo inato da aniquilação absoluta. Para o ser humano, pela sua natureza, o pior dos males é a morte. Há um apego ilimitado à vida, que não pode provir do conhecimento e da reflexão. Sobre o ‘não-ser’:

[...] Se o que faz a morte nos parecer tão assustadora fosse a ideia do não-ser, então deveríamos experimentar o mesmo temor diante do tempo em que ainda não éramos. Pois é incontestável que o não-ser do depois da morte não pode ser diferente daquele anterior ao nascimento; ele não merece, portanto, ser mais lamentado. Toda uma infinidade de tempo fluiu quando ainda não éramos, mas isso não nos aflige de modo algum. Mas, ao contrário, o fato de que após o intermédio momentâneo de uma existência efêmera, uma segunda infinidade de tempo deva se seguir, na qual não seremos mais, para nós parece uma dura e até mesmo intolerável condição. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 27)

Ainda Schopenhauer (2001, p. 65-67) cita que caso o ser humano fosse, ao contrário, apenas um ser que conhece, então a morte teria de ser para ele não somente indiferente, e sim bem-vinda. Nesse sentido, o elemento que é culminado pela morte é somente a consciência que conhece; a vontade, ao contrário, enquanto “coisa-em-si”, enquanto fundamento de todo fenômeno individual, é independente de todas as determinações temporais e, assim, é imperecível. É o esforço da vontade para existir, manifestar-se e produzir o mundo. Se a vontade teme a morte, é porque o conhecimento lhe apresenta sua própria existência apenas como fenômeno individual. Se a consciência individual não sobrevive à morte, por outro lado sobrevive a parte de todos nós que se debate contra ela, ou seja, a vontade. O temor da morte repousa, na maior parte, sobre a aparência ilusória de que o “eu” desaparece, enquanto o mundo permanece. No entanto, é o contrário que é verdadeiro: o mundo desaparece, enquanto a substância íntima do eu, o suporte e o criador desse sujeito, em cuja representação constituía toda a existência do mundo, persiste.

Considerando algumas religiões e religiosos, como católicos e evangélicos, estes afirmam que a reencarnação não está na Bíblia Sagrada. Em estudos mais acurados a obra mostra-nos que a noção do renascimento do espírito na carne, está também na Bíblia. Na obra “A reencarnação segundo a Bíblia e a Ciência” (Chaves, 1998) registra

a seguinte frase de Jô (8:9): “Porque somos de ontem, e nada sabemos” deixa-nos com alguma clareza de que já vivemos no passado, em outra ou outras vidas, pois o ‘ontem’ não é inerente a um período passado de vinte e quatro horas, mas a um período longo. No capítulo 15:39 de Coríntios I, dedicado à visão paulina das ressurreições de Jesus e nossa, São Paulo nos explica de várias maneiras, usando metáforas, o que é a ressurreição. E, entre suas explicações, com relação às “espécies” de carne. No tempo de Jesus e de Paulo, havia na Grécia a crença da metempsicose, ou seja, a crença na possibilidade de um espírito humano voltar à vida terrena no corpo de uma animal. São Paulo, versado na cultura helênica, sabia dessa crença dos gregos. E como ressurreição na Bíblia, ou mais precisamente, no Velho Testamento, era reencarnação do espírito na carne humana. A preocupação do apóstolo se baseia em mostrar que, na ressurreição (reencarnação) as carnes não se misturam, dizendo: “Nem toda carne é a mesma; porém uma é a carne dos homens, outra a dos animais, outra a das aves, e outra a dos peixes.” Assim, há carne na ressurreição de que fala o apóstolo, senão ele não falaria carne. Essa carne, na qual ressuscita o espírito do homem é humana, não podendo ser de outra espécie, condenando indiretamente, a metempsicose dos gregos. Em Coríntios I, (15:44), São Paulo também diz que é o corpo espiritual que ressuscita, ao passo que a natural (da natureza, de barro, de carne) é semeado, ou seja, enterrado. Nesse sentido, São Paulo está afirmando, que o que ressuscita mesmo é o espírito, e que é com carne humana. Isso é reencarnação, o ressuscitador do espírito na carne, em outro corpo novo, surgindo este uma vez só, enquanto o espírito ressurge (ressuscita) muitas vezes. Em Samuel I, (2:6), temos: “O Senhor é o que faz morrer e viver, o que faz descer à sepultura e dela retornar.” Este texto deixa claro que o indivíduo volta à vida. O descer à sepultura e o voltar dela estão ocorrendo agora, no presente, com a morte do corpo e o retornar do seu espírito, normal e automaticamente, para uma nova reencarnação. Ainda em São Mateus (17:12): “Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram com ele tudo quanto quiseram”. Assim, também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles.” Se trata aqui de João Batista, no qual estava encarnado o espírito de Elias. E se João Batista é um enviado de Deus, é porque ele já existia antes de ser enviado, pois não se pode enviar alguma coisa ou uma pessoa que não existia antes de ser enviada. Esse fato confirma também a doutrina da preexistência do espírito, com relação ao nascimento do corpo, no qual se encarna, doutrina que anda de mãos dadas com a da reencarnação. Em Malaquias (4:5 e 6): “Eis que eu vos enviarei o Profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. Ele converterá o

coração dos pais e aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição.”; “Eu era um bom rapaz, por isso caí num corpo perfeito” (Sabedoria, 8:19 e 20). Assim temos aqui, três questões importantes, ao mesmo tempo, três grandes doutrinas ligadas entre si: preexistência, reencarnação e carma. Caiu num corpo perfeito significa dizer que voltou à vida, reencarnou, depois de já ter vivido outra vida, em que foi bom rapaz. Conclui-se desses argumentos, que o homem morre de fato uma vez só, mas que seu espírito continua vivo para vivificar novos homens formados do pó da terra (Gênesis, 2:7). Como disse Jesus: “A carne para nada aproveita, o que importa é o espírito que vivifica” (São João, 6:63). Enquanto o espírito está encarnado no homem, ambos são uma só coisa. Mas, morrendo o homem, as coisas modificam-se: o homem ou o pó, em que habita o espírito que lhe dá a vida, vai para o cemitério, para o pó de onde veio, ao passo que o espírito do homem volta para Deus. O homem feito do pó da terra morre de uma vez só por todas, mas o seu espírito não morre nunca, nem uma vez sequer, pois é imortal, é centelha divina.

No espiritismo, de acordo com Kardec (2007, p. 93-95), na obra “O livro dos espíritos”, caracteriza que a causa da morte dos seres orgânicos é o ‘esgotamento dos órgãos’. Se comparado a uma máquina significa que se a máquina está com falhas, e o corpo está enfermo, a vida se extingue. Quanto ao que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos na morte, a matéria inerte se decompõe e formará novos organismos. Já o princípio vital volta à massa de onde saiu. Morto o ser orgânico, os elementos que o compõe sofrem novas combinações, que resultando em novos seres, que haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente os restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam desse fluido vital e esse fluido fornece a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si. Nos casos de certas lesões normaliza as funções momentaneamente perturbadas. No entanto, os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito alterados, o fluido vital se torna impotente para a transmissão do movimento da vida, e o ser morre. Todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma ‘causa especial’. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de ‘pilhas ou aparelhos elétricos’, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos.

Essa quantidade de fluido vital se esgota, torna-se insuficiente para a conservação da vida, e também, pode ser transmitido de um indivíduo a outro, para prolongar uma vida.

De acordo com Emmanuel, na obra “O Consolador”, psicografado (escrita mediúnica) por Xavier (1977, p. 34-40), cita nas questões 28 e 29, que todos os reinos da Natureza expressam a vibração de Deus, como o “Verbo Divino da Criação Infinita; que pelo trabalho da experiência, todos os princípios e todos os indivíduos, catalogam os seus valores e aquisições sagradas para a vida imortal. Quanto à cooperação pelos Espíritos no desenvolvimento do embrião, do corpo ao qual um espírito reencarnará, os Espíritos evolvidos, “senhores de realizações próprias, inalienáveis”, essa cooperação quase sempre se verifica, junto ao esforço dos prepostos de Jesus, que operam nesse sentido, com vistas ao porvir de suas lutas no ambiente material. A reencarnação inicia-se com as primeiras manifestações de vida do embrião humano, cita-se que “desde o instante primeiro de tais manifestações”, a entidade espiritual experimenta os efeitos de sua nova condição. Quando o embrião está sendo formado, há uma interpenetração de fluidos entre a gestante e a entidade ligada ao feto. Os fluidos de interpenetração são naturais e justos, ocasionando fenômenos muito sutis, como os “sinais de nascença”, que serão um dia compreendidos pela ciência do mundo, enriquecendo os valores da Biologia, no estudo profundo das origens.

Segundo Kardec (2007, p.491-492), sobre o temor da morte, relata que “... Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque com a fé, tem ele a certeza do futuro.” E, ainda, a esperança e a caridade lhe dão a segurança de não temer a morte. Nesse sentido, o homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, se satisfaz com a penas e gozos materiais na Terra. É a satisfação dos desejos fugazes é que lhe trazem felicidade. Sua alma preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se mantém em ansiedade e tortura perpétuas, e assim, a morte se torna assustadora. Isto porque, o homem duvida do futuro, e tem de deixar o mundo físico com todas as suas afeições e esperanças. No entanto, o homem moral, que se coloca acima das necessidades passageiras diante das paixões, já no mundo material experimenta ‘gozos’ que o homem material desconhece. Há uma moderação de seus desejos que fornece ao homem moral uma condição espiritual de calma e serenidade. Mesmo perante às decepções e contrariedades, não sofre impressões extremamente dolorosas para afetar sua alma.



### 3 A MORTE BIOLÓGICA

Com relação ao processo de morte por apoptose, Luper (2010, p. 54) ressalta que algumas das células de organismos multicelulares se autodestroem em processo orquestrado chamado de morte celular programada, ou apoptose (Potten & Wilson, 2004). Nesse processo as enzimas digerem as células, tendo a apoptose uma variedade de disparadores biológicos.

Biologicamente, o corpo passa pela transformação de suas condições fisiológicas necessárias ao processo de morte. Segundo Bengtson & Joazeiro (2010, p. 470-473), descobriu-se uma determinada proteína presente nos seres eucariotas, como os fungos, leveduras, as plantas, os animais não humanos, e inclusive o ser humano, para uma função vital de sobrevivência. Essa proteína, denominada Listerina, desempenha um propósito de destruir proteínas que foram produzidas com erros por suas próprias células. Organismos desprovidos da proteína listerina perdem a capacidade de identificar alguns tipos de proteínas ‘aberrantes’ recém-fabricadas e de eliminá-las por meio do sistema de controle de qualidade das células. A ausência da listerina leva ao acúmulo de proteínas tóxicas nas células, cujo excesso pode implicar no surgimento de doenças neurodegenerativas, tais como o Alzheimer e o Parkinson. Uma pesquisa em camundongos com mutação o gene *Lister*, responsável pela produção da proteína listerina, desenvolviam problemas nos neurônios motores da medula espinhal. Nessa comprovação os pesquisadores ‘desligaram’ na levedura *Saccharomyces cerevisiae* um gene chamado LTN1 (equivalente ao Lister) e observaram que suas células eram incapazes de reconhecer e destruir algumas formas de proteínas aberrantes e acabavam morrendo. Sem a listerina, o controle de qualidade celular falhava. A proteína exerce seu papel de sentinela das células, delatora da presença de proteínas defeituosas. Ela se liga aos ribossomos (estrutura informacional que se liga ao RNA mensageiro, para a síntese de proteínas) e marca as proteínas defeituosas recém-fabricadas com uma espécie de “etiqueta química da morte”. As moléculas de ubiquitina pertencem a uma família de proteínas fundamentais para o processo de regulação celular. Receberam a denominação de ubiquitinas por apresentarem as “ubíquas”, presentes em praticamente todas as células de organismos eucariontes. Proteínas aberrantes ou desnecessárias que carregam esse selo químico da destruição são encaminhadas para o proteossoma, que são estruturas responsáveis por degradá-las e reduzi-las a cadeias químicas de uns poucos aminoácidos. As proteínas são constituídas por uma cadeia de aminoácidos, e a

adição de cada aminoácido à cadeia é fornecida pelo códon, uma sequência de três bases nitrogenadas contidas no RNA mensageiro. O último códon para completar a síntese de uma proteína, é chamado “códon de terminação”. Na ausência desse códon, portanto, o ribossomo continua adicionando aminoácidos indevidamente até alcançar o final da fita do RNA mensageiro e gera uma proteína aberrante que não pode ser corrigida pelos sistemas de controle de qualidade. Para que não haja acúmulo de material tóxico nas células e para liberar ribossomos ditos “empacados, sem o códon necessário, o sistema listerina-ubiquitina” entra em ação e ‘cola’ a etiqueta da morte na proteína defeituosa. A listerina presente nos ribossomos cola as moléculas de ubiquitina numa forma específica de proteínas aberrantes, aquelas que na codificação não apresentam o códon de terminação.

Na perspectiva espírita, segundo Xavier & Vieira (2017, p. 25-30) na obra “Evolução em Dois Mundos”, ditado pelo espírito André Luiz, relata que o chamado corpo espiritual não é reflexo do corpo físico, tendo em vista que é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual retrata em si o ‘corpo mental’ que lhe preside a formação. Esse corpo mental é o envoltório sutil da mente. Após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua “estrutura eletromagnética”, relacionados aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo com as aquisições da mente que o maneja. Após alterações que apresenta, após o período “berço-túmulo”, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se desliga do corpo físico para seguir sua jornada evolutiva por meio de novas experiências. Os denominados centros vitais, como fulcros energéticos, que sob a direção “automática da alma”, imprimem às células a especialização extrema, no sentido de que perante o corpo denso, detêm-se todos no corpo espiritual recursos equivalentes, de acordo com a funcionalidade de órgãos e sistema corporais. Essas células que obedecem às ordens do espírito, diferenciam-se e adaptam-se às condições por ele criadas, procedem do “elemento primitivo”, em marcha por milênios no Planeta Terra. O corpo espiritual, psicossoma ou perispírito, é ainda corpo de duração variável, segundo o equilíbrio emotivo e o avanço cultural daqueles que o governam, além do veículo fisiológico, apresentando algumas transformações fundamentais, após a morte física. A respeito do automatismo e o corpo espiritual, Kardec (2017, p. 37-46) salientam que o princípio inteligente, no decurso dos *evos* (eternidade), “plasmou em seu próprio veículo de exteriorização as conquistas que lhe alicerçariam o crescimento para maiores afirmações nos horizontes evolutivos”. As células vivas sofrem no plano terrestre e no plano extraterrestre as profundas

experiências que lhe facultarão, ao longo do tempo, o automatismo fisiológico, pelo qual, executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida. Essas células vivas, que são de “Natureza física e espiritual”, como que arrebatando-as a seu próprio serviço, com possibilidades amplas de expansão e progresso. Descartes (1596-1650), no século XVII, indagando de si mesmo sobre a complexidade dos nervos, formulou a “teoria dos espíritos animais” encerrados no cérebro, e as redes nervosas. Abordou a verdade do ato reflexo que obedece ao impulso nervoso, no automatismo em que a alma evolui para os mais altos planos de consciência, por meio do nascimento, morte, experiência e renascimento na vida física e extrafísica, em avanço inevitável para a vida superior. Importante ressaltar que a lei da evolução prevalece para todos os seres do Universo, tanto quanto os princípios cosmocinéticos, que “determinam o equilíbrio dos astros, que são, na origem, os mesmos que regulam a vida orgânica, na estrutura e movimento dos átomos”. Nesse sentido, todos os órgãos do corpo espiritual e também do corpo físico foram construídos com lentidão, de acordo com a necessidade do “campo mental” no seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre. Pelo fenômeno da “reflexão sistemática”, gerando o automatismo que assinala a inteligência de todas as ações espontâneas do corpo espiritual, reconhece-se que a marcha do “princípio inteligente” para o reino humano, e a viagem da consciência humana na direção do reino angelical simbolizam a expansão multimilenar da criatura de Deus que, por força da Lei Divina, deve merecer, com o trabalho de si mesma, a glória da imortalidade. Ainda esclarecendo sobre o automatismo celular, p. 46, este caracteriza-se pela “doutrina celular” no mundo, onde as células tomam aspectos diferentes conforme a “Natureza das organizações a que servem”. Assim, o citoplasma é influenciado pela inteligência. No citoplasma, como elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas, obriga as células ao trabalho necessário para expressar-se, e este trabalho, à custa de repetições quase infinitas, se torna “perfeitamente automático” para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, para executar as tarefas que a vida lhes assinala.

Segundo Zimmermann (2000, p. 19- 22) o perispírito é o envoltório sutil e perene da alma, que possibilita a interação com os meios espiritual e físico. Alma e perispírito constituem um todo indissolúvel, que conforme Kardec, alma e espírito “constituem o ser chamado Espírito”. Portanto, a alma é um ser simples, enquanto o Espírito é um ser duplo e o ser humano um ser triplo. O termo alma é mais exato para designar o princípio inteligente e o termo Espírito como um ser semimaterial formado do princípio

inteligente e do corpo fluídico. A natureza do perispírito apresenta-se como uma “formação sutil, urdida de recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, se distingue à feição de partículas colóides”.

Denis (2017, p. 119-121) relata que a morte é uma simples mudança de estado, a destruição de uma forma frágil que já não proporciona à vida as condições necessárias ao seu funcionamento e à sua evolução. Além disso, é uma nova fase de existência, onde o espírito por meio de sua forma fluídica, imponderável, prepara-se para novas reencarnações, que no estado mental do Espírito encontram-se os ditos frutos da existência que findou. A vida está por toda parte; a natureza inteira mostra-nos a renovação perpétua de todas as coisas. A morte não está em parte alguma e nem o aniquilamento; o ente não perece no seu princípio de vida, na sua unidade consciente. É o universo que transborda de “vida física e psíquica”. A morte é apenas um eclipse momentâneo na revolução das existências que revelam o sentido grave e profundo da vida. Não devemos teme-la, mas nos esforçar por embelezá-la, pela preparação constante, pela pesquisa e conquista da beleza moral, e a beleza do espírito que molda o corpo e o garante de um reflexo elevado na hora das separações supremas. A maneira de morrer é uma indicação do que para cada um de nós “será a vida do Espaço”. Toda morte é um parto, um renascimento; é a manifestação de uma vida até aí latente em nós, vida invisível da Terra, que vai reunir-se à vida invisível do Espaço. Após um período de perturbação, tornamos a encontrar-nos, além do túmulo, na plenitude das nossas faculdades e da nossa consciência. A tumba apenas encerra o pó. É por meio da elevação ao mais alto, com nossos pensamentos e nossas recordações, intencionaremos o encontro do “rastro das almas” que nos foram caras. Para a maior parte dos seres humanos, a morte continua a ser o grande mistério, o sombrio problema difícil de olhar de frente. No entanto, a morte é a hora bendita em que o corpo cansado volta à grande natureza para deixar a *psique*, sua prisioneira, livre passagem para a Pátria eterna.

Kierszenbaum (2008, p. 100-105) registra, biologicamente, que a morte celular ocorre por necrose ou apoptose. Em condições fisiológicas normais, as células privadas de fatores que mantêm a sobrevivência, danificadas, ou senescentes, cometem “suicídio” por meio de um programa de morte celular regulado ordenadamente denominado de apoptose (do grego *apo*, desligar; *ptosis*, queda). Diferente do processo de apoptose, a necrose é um processo não-fisiológico que ocorre após lesão aguda. As células necrosadas sofrem lise e liberam os conteúdos citoplasmáticos e nuclear no ambiente, desencadeando uma reação inflamatória. As células que sofrem apoptose

perdem a adesão intercelular, fragmentam a cromatina e se partem em pequenas bolhas denominadas “corpos apoptóticos”. Este serão fagocitados por macrófagos, células ricas em lisossomos, e não ocorre inflamação. A morte celular por apoptose é vista durante o desenvolvimento fetal: a formação dos dedos das mãos e dos pés do feto. Isto requer, por eliminação, do tecido localizado entre os dedos para uma modelagem. Também, o excesso de neurônios, no Sistema Nervoso Central são eliminados por apoptose, para estabelecer conexões sinápticas adequadas. Outros exemplos são: granulócitos maduros no sangue periférico terão um tempo de vida, em torno de um a dois dias, para desencadear a apoptose; também a seleção clonal de células T do timo, e outras relacionadas às respostas imunológicas. A deflagração apoptótica ocorre por meio de sinais externos e internos. Os sinais externos se ligam a receptores na superfície celular, e os sinais internos podem deflagrar a morte celular. Quanto ao significado clínico do processo de apoptose no sistema imunológico e nas doenças degenerativas, pode-se citar as mutações dos genes de receptores e ligantes que podem causar a “síndrome auto-imune linfoproliferativa” em apoptose no sistema imunológico. Nas doenças neurodegenerativas, temos exemplos do mecanismo de morte célula. Por exemplo, um acidente vascular encefálico isquêmico pode causar uma doença neurológica aguda na qual a necrose é ativada. A morte celular por necrose acontece no centro do infarto, onde a lesão é grave. E a apoptose pode ser observada na periferia do infarto, porque a lesão não é grave devido à circulação sanguínea colateral. Os principais mecanismos envolvidos na degradação de proteínas intracelulares residuais ou defeituosas, por proteólise, pode ocorrer pela clássica via endossomal-lisossomal, por apoptose e pela via ubiquitina-proteassoma (esta ocorre no citoplasma da célula). A via ubiquitina-proteassoma ‘26 S’ ubiquitina envolve quatro etapas reguladas: 1 – ligação de uma cadeia de moléculas de ubiquitina a um substrato; 2 – reconhecimento da proteína conjugada à ubiquitina pelo proteossoma; 3 – degradação da proteína conjugada à ubiquitina; 4- a ligação e reciclagem da ubiquitina.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na morte biológica proteínas defeituosas ficam à mercê de outras proteínas, como sentinelas da célula, para as devidas correções. Não havendo essas correções, as células estarão sujeitas ao desencadear de processos de morte em diversos órgãos, inclusive os mais vitais. Como o perispírito ou corpo espiritual é celularizado e permite

a comunicação direta com o Espírito e a alma, o desencadear de possíveis proteínas no corpo espiritual, os sistemas são ativados quando chega o momento da morte. Sendo uma morte programada e prevista, seja por motivo de saúde ou até mesmo a finalização de um tempo de vida, as denominadas etiquetas químicas da morte, entram em ação. É a morte do corpo físico relacionada ao corpo espiritual e à alma no momento necessário. Deve existir uma correspondência entre os corpos físicos e espirituais, tendo em vista que somos seres humanos que obedecem às leis da criação Divina. Na condição evolutiva, o ser humano bem como outras formas de vida, podem ser considerados “sujeitos apoptóticos”, tendo em vista a relação entre as proteínas que sinalizam o processo de morte, dentre elas a ubiquitina. Além disso, a proteína dita da morte celular, é um dos processos de automatismo celular, que desencadeia modificações que afetam tanto o corpo físico quanto o corpo espiritual. Morte e vida estão em íntima relação biológica e espiritual.

Por meio do estudo da filosofia, o ser humano tenta compreender o seu destino. Nesse sentido, a morte mantém a presença viva das tradições e preocupações humanas, que pela religião se estrutura em um ponto forte de manutenção da ordem social. A Bíblia como uma fonte histórica de referência, também traz diferentes passagens que revelam a questão polêmica da reencarnação. Compreender os processos biológicos e espirituais, ambos, são de difícil comprovação pelos métodos da ciência atual. No entanto, o entendimento do ser através dos tempos pode nos revelar muitas possíveis verdades sobre a existência do espírito, que se manifesta no mundo material. A verdade é que somos seres que buscam uma nova consciência sobre a aceitação da morte e suas implicações, inclusive na tentativa de preservar uma memória. O ser humano necessita aprender que se a morte é um fim de ciclo, também revela o respeito ao corpo físico, a importância do Espírito que se manifesta nele, e também a realidade necessária na construção de uma história, pessoal e social. Por meio da morte aprendemos a respeitar a vida, como uma possibilidade de continuação, seja por meio das relações interpessoais e a conquista de uma consciência transformadora na história humana. A questão é que a vida do indivíduo, apesar de ser única num determinado tempo de existência, faz parte do contexto universal, que rege toda a vida planetária e suas interrelações. É viver não para a morte, mas saber aceitar que morte é transformação, e mesmo que não saibamos exatamente tudo sobre o nosso destino, somos seres a caminho de uma iluminação, para uma evolução material e também espiritual no destino Divino.

## REFERÊNCIAS

- BENGTSON, Mario H. & JOAZEIRO, Claudio A.P. **Role of a ribosome-associated E3 ubiquitin ligase in protein quality control.** Nature. 2010 September 23; 467(7314): 470–473, 2011.
- CHAVES, José Reis. **A reencarnação segundo a Bíblia.** Martin Claret, São Paulo, SP, 1998.
- DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor.** Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, 2017.
- KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile. Revisão: Elias Barbosa. IDE, 166<sup>a</sup>. Ed., Araras, SP, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O livro dos espíritos.** FEB – Tradução de Salvador Gentile, Rio de Janeiro, RJ, 2007.
- KIERSZENBAUM, Abraham L. **Histologia e Biologia Celular: uma introdução à patologia.** Tradução: Adriana Paulino do Nascimento, et al. Elsevier, ABDR, Rio de Janeiro, RJ, 2008.
- LUPER, Steven. *A filosofia da morte.* Tradução: Cecília Bonamine. São Paulo: Madras, 2010.
- NUNES SOBRINHO, Rubens Garcia. *Platão e a imortalidade: mito e argumentação no Fédon.* Uberlândia, EDUFU, 2007.
- XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos. Pelo Espírito de André Luiz.* Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, 2017.
- ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião.** Ed. Paulus, São Paulo, SP, 2012.
- ZIMMERMANN, Zalmiro. **Perispírito.** CEAK – Centro espírita Allan Kardec, Campinas, SP, 2000.

(Recebido em maio de 2021; aceito em junho de 2021)